

BIBLIOTECA DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIREÇÃO:

Alfredo Bosi

(da Universidade de São Paulo)

Série 1ª — ESTUDOS BRASILEIROS
Volume 1

(da Universidade de São Paulo)

ECLÉA BOSI

For. T. A. Queiroz
Alfredo Bosi
Janeiro 1989

MEMÓRIA E SOCIEDADE

lembranças de velhos

T. A. QUEIROZ, EDITOR

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo

A relação dos livros
publicados nesta coleção
encontra-se no fim deste volume.

Alfredo

Capa de
DULCE SOARES
(retrato de D. Emma Strambi Fre-
derico, por Maureen Bisilliat)

1ª edição — 1973
1ª reimpressão — 1983
2ª edição — 1987

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(*Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil*)

B755m
2.ed.

Memória e sociedade: lembranças de velhos/Eclia Bosi. -- 2. ed. -- São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
(Biblioteca de letras e ciên-
cias humanas. Série 1. Estudos brasileiros: v. 1)

Bibliografia.

ISBN 85-83008-66-0

1. Memória -- Aspectos sociais 2. Psicologia social
I. Título. II. Série.

87-1057

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Memória: Aspectos sociais: Psicologia social 302
2. Memória e sociedade: Psicologia social 302

Proibida a reprodução, mes-
mo parcial, e por qualquer
processo, sem autorização
expressa dos editores.

Direitos reservados

T. A. QUEIROZ, EDITOR, LTDA.
Rua Joaquim Floriano, 755 — 9.º
04534 — São Paulo, SP

1987

Impresso no Brasil

A memória de
MAURICE HALBWACHS,
professor de Psicologia Social
do Collège de France,
morto no Campo de Buchenwald em 1945,
no centenário de seu nascimento.
1877—1977

Lembranças de D. Risoleta

Dou graças a Deus todos os dias, já está acabando esse ano santo e agradeço por estar recordando e burilando meu espírito.

Eu nasci numa fazenda perto do Arraial dos Sousas que se chamava Fazenda Angélica; os donos são os Penteado de olho azul, porque tem os Ferreira Penteado que são os castanhos. Foi nessa família que eu cresci. Nasci no dia 20 de março de 1900. Meu pai veio vendido de lá do Norte aqui pro Brasil no tempo do cativoiro. O nome dele era Joaquim. Minha mãe quando nasceu já era de Ventre Livre. O pai de meu pai era português e a mãe chamava-se Cosma, muito pretinha.

No tempo do cativoiro, vendiam a gente como quem vende porco, ele foi pra Campinas. A irmã dele, nunca mais viu, não sabe que fim levou. Foi o pai que vendeu, português aqui no Brasil não era escravo.

Meu pai era um mulato bonito, tinha cabelo bom, ondulado, falava muito bem, tanto que veio vendido como mucamó de luxo pra família Egídio de Souza Aranha. Atendia os meninos, ia buscar o correio na cidade, acompanhava os moços quando saíam e quando era tempo da colheita do café tomava conta dos camaradas no terreiro. Nunca apanhou como escravo mas uma vez um pau arranhou o pé dele e a sinhá mandou torrar sal e pôr na perna dele. Ficou uma ferida pro resto da vida, nunca sarou. Os outros escravos apanhavam. Meu pai foi libertado quando houve o grito da liberdade, todo mundo foi libertado. Foi trabalhar por conta dele. Com vinte e nove anos casou-se com minha mãe, Teodora Maria da Conceição, que tinha treze anos. Dona Lalá foi madrinha. Minha mãe fazia farinha de mandioca, de milho, tudo pra vender e ajudar meu pai criar os filhos. Ele era um homem doente, já não podia mais trabalhar. Minha mãe lavava roupa pra fora, dessa

família dos Penteado de olho azul. Era morena escura, mais escura que meu pai, mas era bonitinha. Cozinha muito bem doce de laranja, tachadas de goiabada que vendia em caixinhas. Com muito trabalho, com muita luta, mas tinha tudo em casa. Minha mãe era carinhosa com os filhos. Já à moda dela, mas era. Meu pai era mais severo que ela; ela também respeitava muito ele.

Meu pai era bom, ele sabia contar histórias de varinha de condão, e a gente ficava em roda dele de noite; quando fazia frio ele mandava acender o fogo no meio da casa, que era de chão batido, e contava história. “— Agora vão dormir, amanhã tem mais.” Nunca vi contar tanta história assim e rezar como ele rezava. Meu pai era delicado, ele não falava uma palavra que não tivesse rima, falava tudo rimado. O dia que ele estava bem disposto tudo tinha versinho, mas aquilo bem acentuado, bem rimado. Nenhum filho não puxou ele; a única que saiu meio danada, bem esperta igual a ele, fui eu.

As histórias que ele contava eram coisa maravilhosa. Nós tivemos uma infância! A gente era bem pobrezinha mesmo, mas tinha uma alegria dentro de casa. Quando morria alguém chamavam ele para cantar e puxar o terço durante seis dias, até o dia da missa no Arraial. Meu pai dava banho no morto, enxugava, tapava tudo o que tinha que tapar com algodão, os buraquinhos que a senhora já sabe. Depois de lavado, enxugado, vestia com roupinha limpa. Só não usava calçar sapato, a maioria andava descalça mesmo. Lintão meu pai punha no caixão o morto e começava umas rezas e cantos bonitos. Ele puxava e as crianças respondiam as ladainhas, a recomendação do morto:

*Nos tempos que morrer,
mãe não sabemos a hora
nem quando virá.*

Lentinho alguma coisa, não guardei tudo.

Toda vez que um doente pedía um remédio, meu pai fazia e mandava. As plantas medicinais todo mundo tinha em volta da casa; era marcelinha, era bossa, era carqueja, carobinha, um remédio bom pro sangue. Meu pai nunca deu remédio de médico pra nós, era tudo chá. Ele conhecia todo matinho, o cipó-cruz que serve para reumatismo que não sara, ele fazia na pinga. Quem não bebia pinga ele fazia no vinho branco aquelas garrafadas que deixava enterradas na terra nove dias e depois de nove dias dava pra pessoa ir tomando. E sarou quanta gente de doenças, ele curava tudo, minha casa era assim de gente para ouvir ensinar remédio, ele conhecia todos e dizia: “— Eu mesmo vou buscar e faço pra vocês. Vocês não vão

conhecer e ainda vão trazer algum mato que é veneno." Essas coisas tudo é conhecer.

Outro dia fui na Vila São Pedro na festa do Cemitério da Vila Isa e vi numa casa dependurado o cipó-cruz, que é um cipó bonito. Pedi para a moça um pouquinho daquele cipó, minha filha ficou brava comigo e a moça começou a rir: "— O que que a senhora vai fazer com essa trepadeira?" "— Eu sei que é trepadeira, mas é um remédio bom pra reumatismo e meu pai quando nós era pequeno e se queixava de uma dor ele sempre dava um chazinho de cipó-cruz." Erva-cidreira, hortelã, poejo, isso era os remédinhos de criança.

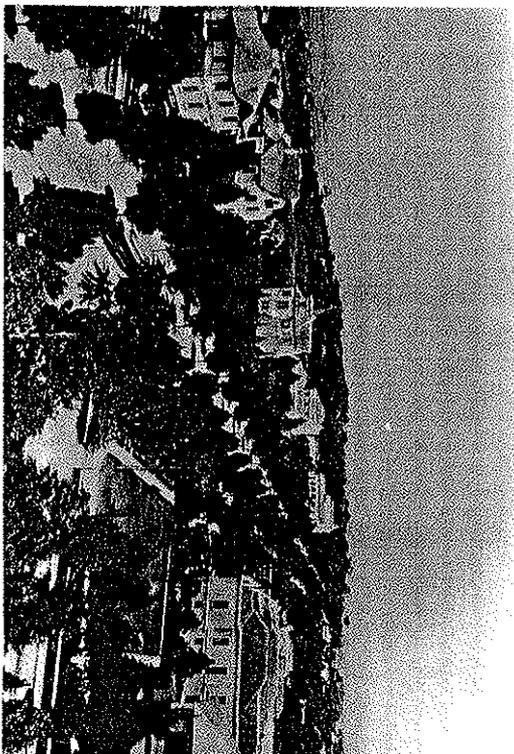
Lembro dos bichos das matas: tatu, macaco, ouriço que jogava espinho. Quando a gente ia na estrada por dentro da mata, ia com pau na mão e nunca queria ir sozinho de medo do bicho pegar a gente.

A gente ia da fazenda em que minha avó morava para o moinho do Joaquim Chico; levava um alqueire de milho para fazer um alqueire de fubá. E o bando de criança levava o milho na cabeça pra trocar e tinha que atravessar um pedacinho da mata. Lá de um lugar que a gente não via a água caía em cachoeira, tão bonito, branquinho, na pedra. A gente gostava de brincar na água. Toda fazenda tinha um riacho ou uma pedra que escoria água e caía lá embaixo, no ribeirão. Nossa, como tinha passarinho! Sabiá, canário, pintassilgo, pomba-rola como tinha! E a pomba do mato, e perdiz, codorna... O clima era muito melhor que agora, tinha estação do frio, do calor, agora não tem mais, acabou tudo. As matas que derrubaram é que tão fazendo falta.

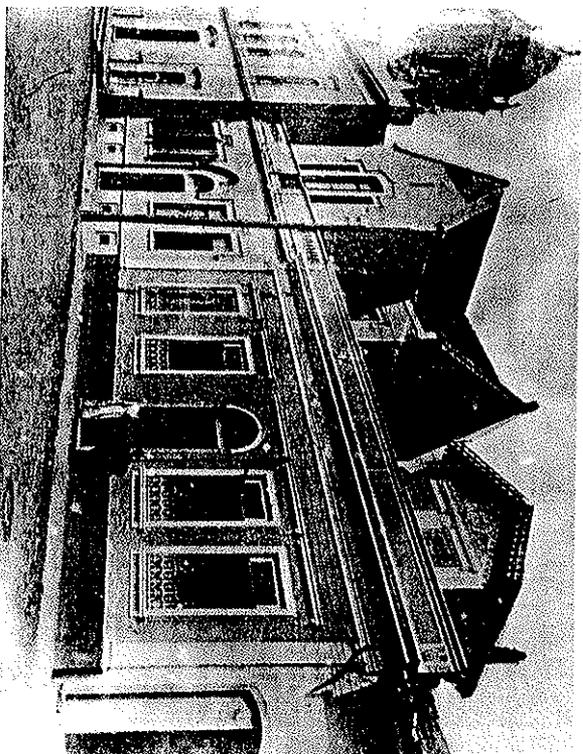
Meu pai tinha uma chácara no Arraial dos Sousas, ali na subida que ia pra fazenda dos Coutinho, que ele ganhou do sinhô; gente muito boa, um filho desse sinhô trabalhou anos como político do Getúlio Vargas. Lembro da casa grande, terra, que ia parar na beira do Atibaia, onde a gente ia buscar água quando faltava no poço, lavar roupa na beira do rio que ainda passa até hoje por lá.

Meu pai plantava de tudo: tinha jabuticabeira, tinha cana, ele fazia rapadura, açúcar, depois tinha avó refinava. Eu sei refinar açúcar, aprendi com ela. Botava no tacho aquela aguarada até reduzir, depois secava, batia bastante, ficava mulatinho. O açúcar mulatinho era gostoso, eu sempre roubava do tacho um pouquinho. Quase tudo se fazia em casa: a gente matava porco, fazia lingüiça, abria panos de carne, salgava e guardava pro mês inteiro, tirava os ossos e vendia pras fábricas de botão. (O povo já





Avenida Paulista, à época de sua inauguração.



Aquelas ruas quietas...

vem explorando a vida há muito tempo, não é agora só não.) O pão a gente fazia em casa: quando aparecia o padreiro com aquele pão sovadinho, como a gente gostava! Trocava com galinha, trocava com porco, porque dinheiro quase que ninguém via. Um saco de farinha custava treze mil-réis. O forno era de tijolos, redondo, cabia vinte, vinte e quatro pás dentro do forno. A gente amassava o pão na amassadeira, com o cilindro, sovava bem, que pão gostoso! Eu tenho saudades. O forno era fora com a boca dentro da cozinha; a gente enchia de lenha, queimava, quando tava bem branquinho tava bom! Varría, jogava um punhadinho de fubá pra ver a temperatura, porque se estivesse muito quente podia queimar todo pão. Meu Deus, era uma vida até bonita! Até bonita, gostosa!

Plantava feijão, plantava arroz, a gente colhia e quando não tinha máquina de beneficiar por perto a gente socava no pilão, abanava com a peneira, aquele arroz catetinho que era meio roxinho, botava umas palhas, um pouco de fubá, limpava, ficava branco. Até o sal que era meio grosso minha avó refinava, ficava fininho. Lavava bem, tirava as pedras escuras, botava no fogo, passava na máquina e guardava nos vidros. Ficava o sal branco pra gente usar o mês inteiro. Quando acabava, fazia outro. Chegavam portugueses, italiano e botavam venda e a gente comprava lá a roupa e o sal.

Em casa não tinha miséria porque se plantava tudo: abóbora, feijão, milho, batata-doce, batatinha, mandioca era com fatura. Tudo isso era pra comer e matava a fome. Era bastante trabalhar e colher. E se criava porco, galinha; não dava pra passar fome, não.

Naquela época a terra tinha estações: de repolho, de couve-flor, de alface, de tomate; agora não, agora dá o ano inteirinho. Era mais português que plantava, não precisava adubo, dava tudo bonito, só a cenoura que era minudinha. Esse cenourão que se vê agora naquele tempo não tinha. Tudo na sua estação certa. Fora do tempo não tinha nada. Laranja agora tem o ano inteiro, naquele tempo tinha em maio, junho, julho, até agosto. Quando chegava agosto não deixavam nem a gente mais chupar laranja porque estava passada. O gosto era muito melhor, nem se compara uma coisa com outra, a coisa criada naturalmente na terra sem adubo. Hoje tudo é adubado, isso aí não vale nada, vejo todo mundo doente.

Meu irmão mais velho chamava-se Joaquim. O segundo chamava Arlindo. A terceira era uma mulher, chamava-se Domiti-

ga. Depois, vim eu, a quarta filha. Depois teve o Inácio, Salvador e Ana, todos esses morreram pequenos. Quem ficou vivo tudo casou: Joaquim, o Arlindo, a Dominga e eu. Meu irmão preferido era o Joaquim, que sempre foi bom de coração e que eu defendia sempre. Todos gostavam de mim e eu gostava de todos.

Brincava de rodinha, de boca-de-forno, de pular corda; hoje as crianças não sabem brincar mais. As meninas não sabem mais brincar de roda. Hoje não tem mais pula-corda, não tem mais:

*Tirolito que bate, bate,
tirolito que já bateu.*

*Quem gosta de mim é ela,
quem gosta dela sou eu.*

Eu gostava de brincar de comidinha; arranjava umas latinhas, botava uns tijolinhos, acendia o fogo e fazia comidinha de verdade. Se não queriam me dar mantimentos eu roubava. Minha irmã brincava de costurar e ela deu boa costureira, mas a minha boneca andava pelada, tinha que tirar os vestidinhos da dela: "— Eu não faço comida pra você? Costure uma roupinha pra minha filha." A gente brincava de boca-de-forno, tira um bolo, e batia palmas, quando chegasse na boca do forno o pegador não podia pegar mais. De passa-anel, berlinda, brincava de tarde no terreiro, antes do jantar; depois da janta tinha que arrumar a cozinha e dormir porque a gente levantava cedo. Não tinha brinquedo de loja nenhuma, a gente catava umas varinhas e dizia que os matinhos eram uma leitosa, eram isso, eram aquilo. Os pratos que quebravam, a gente guardava os caguinhos de louça para fazer a casinha. E mesmo que tivesse brinquedos a gente não tinha dinheiro para comprar.

Desde criança o meu brinquedo era fazer comidinha pros outros. A gente enchia um barreteiro de cinza, botava folha de pita, com aquela decoada se fazia sabão, não tinha soda, nada dessas coisas. Era aquela decoada que caía preta que nem café, aquilo cortava toda gordura. A gente areava as panelas de ferro com areia e aquele sabão, as panelas ficavam que nem espelho. Era uma beleza! Hoje está tudo facilitado e esse povo acha tão ruim pra trabalhar! Se fosse naquele tempo eles morria tudo de fome, não tinha mais ninguém vivo.

Na chácara tinha um rancho grande, no fundo, e meu pai era hospitaleiro. Quando passava viajante, boiadeiro, ele dava pouxada. Mandava recolher o gado no pastinho que tinha e mandava matar frango de noite, fazer comida pra aquelas pessoas. Jogava colchão de palha de milho no chão pros viajantes dormir. Dentro

de casa ele não botava ninguém, tinha os filhos dele que precisava respeitar.

Minha infância não foi ruim, minha infância foi boa. Eu fui sempre muito alegre, nem queria saber como eu me divertia. Os pais eram muito severos, meu Deus do céu, não quero criar meus filhos assim. Quando eu me fiz gente e tive meus filhos, crei diferente, quis criar meus amigos.

Todos trabalhavam, meu pai não deixava ninguém na folga. Hoje eu quero botar esse mundo de gente que tem em casa tudo pra trabalhar, não consigo: "— A senhora é muito antiga demais, é uma coroa muito antiga. A senhora precisa ponderar mais um pouco, não é assim não!"

Uma vez, no tempo que minha mãe lavava roupa para os Pentecado de olho azul, disse pra minha irmã: "— Tinha está doente, está com a doença de dona Zenaide." Minha mãe escutou. Ai, deu uma surra de couro em nós, mas uma surra de couro que até hoje quando me lembro dói. Sabe a doença o que é? É a menSTRUÇÃO. A patroa é que tinha essa doença, quer dizer, não era doença, a gente via ela lavando aquela roupinha meio escondido, sabe criança como é? A gente já estava grandinha, mas nunca ninguém explicou, ensinou.

As crianças dos vizinhos eram umas meninas também muito espertas e a gente se juntava e ficava falando bobagem, fazendo arte. Eu fui a primeira que apanhei. Minha mãe era muito devota de São Benedito. Quando ela ia bater eu corria embaixo do altar de São Benedito: "— Ai, meu São Benedito, me valha!" Ela não batia mais: "— Você já pegou meu fraco de São Benedito, não é? Negrinal Espera aí, outra vez quero te pegar longe de São Benedito." "— Ai, eu não merecia apanhar, por isso que São Benedito me atendeu." Então ela guardava a correinha dela. O São Benedito de minha mãe ainda está comigo.

As crianças não eram como as de hoje, capazi! Levantavam de manhã, acendiam o fogo, faziam café e iam levar pros pais na cama:

- A bênção, papai! A bênção, mamãe!
- Deus te abençoe minha filha.
- O senhor dormiu bem essa noite?
- Dormi!

Ou:

- Não dormi, passei desesperado de dor a noite inteira.
- Mas o senhor roncou tanto, como é que não dormiu?
- Tava roncando acordado então?

A infância da gente tem história, dona, tem história pra contar. Uma vez meu irmão Joaquim apanhou com vara e eu fui apadrinhar ele, também entrei na vara de feijão. Quando estavam batendo num filho, se alguém ficasse por perto olhando, entrava no couro, que era pra um não rir do outro. Nem que fosse uma chicotada, davam na gente. Não davam folga nem um pouquinho.

A comida, acabavam de fazer, lá no fogão, botavam o caldeirão de fubá na mesa, todo mundo tinha que rezar primeiro para depois comer e acabava de comer agradecia a Deus tudo aquilo que ele nos deu, aí cada um tinha sua obrigação. Um ia varrer o quintal, outro ia tratar de galinha, outro ia tratar de porco. Quando chegava sete e meia, oito horas, a gente saía, ia trabalhar na casa dos patrões. O mais velho levava os mais pequenos.

Desde oito anos trabalhei em casa de família, sempre tive que fazer tudo: botava a mesa, tirava a mesa, lavava a louça, areava aquele talher danado de arear, com raspa de tijolo e batatinha. Graças a Deus agora não tem disso mais. Areava tudo que ficava brilhando e botava no sol antes de guardar. Eu sabia que a patroa gostava de coisa bem-feita, então queria fazer mais bem-feita ainda. E tinha que fazer, senão ficava de castigo. Quando eu tinha treze anos me perguntavam na rua: “— O que você está fazendo?” “— Sou cozinheira de forno e fogão.” Se eu ia num lugar e comia um bolo, chegava em casa e fazia igualzinho, sem receita, sem nada, só porque eu comi.

Levantava de madrugada, trabalhava o dia inteirinho, de noite acendia cinco ferros de carvão para engomar a roupa de linho que tinha que passar tudo úmido: eu largava um ferro pegava outro, largava um, pegava outro. Hoje está uma beleza esse tergal que não precisa nem passar, sacode bem, dobra e guarda. O ferro era pesado, não era ferro de estufa: o linho tinha que passar muito bem, com ferro bem quente.

Se recebia ou não recebia ordenado eu não sabia, porque meu pai é que ia no fim do mês receber: dizia que não fazia questão de dinheiro, queria é que me ensinassem a ler um pouco. Até vinte e dois anos nunca recebi um ordenadinho do que trabalhava. Quando ele me pôs na casa da sinhá-moça dele, disse: “— Eu quero que a senhora me ensine a menina a trabalhar, ler e escrever.”

Dona, eu levantava às quatro horas da manhã, trabalhava o dia inteirinho, fazia pão. Só tinha eu de empregada e uma preta bem velha, mais velha do que eu estou agora, com o dedão do pé torto, na beira do fogão, arcadinha. Eu tinha dó dela, botava o caixão de sabão na beira e trepava para alcançar o fogão de lenha e

fazia comida prá ela. Ela dizia: “— Que boa vontade que essa menina tem!” “— Eu tenho é dó da senhora!”

Depois das onze horas a patroa me chamava pra aprender a ler e eu começava a cochilar: “— Vou contar pro seu pai que você não quer estudar.” “— Não é que eu não quero estudar, meus olhos é que não querem ficar abertos, tou com tanto sono...”

Um dia sim, um dia não, amassava uma arroba de farinha pra fazer pão. É por isso que eu desenvolvi esse jeito pra trabalhar, fiquei esportiva, dona! Dona Lalá me ensinou a trabalhar, na fazenda Jaguaribe, onde fizeram a usina que dá luz pra Campinas. Eu tinha que dar comida pros camaradas da usina. De madrugada, quando o administrador batia o sino tinha que levantar, acender o fogo e fazer café pra primeira turma das obras. Depois o café dos engenheiros às oito horas, que comia lá dentro com o pessoal mais fino. Eu que atendia tudo: fazia pão, lavava, passava roupa às vezes a noite inteira.

Bastava a patroa me mandar uma vez, não precisava mais estar repetindo. Depois eu tomava muita obrigação, por isso que fico brava com essas empregadas que não tomam obrigação, não levam nada a sério. A patroa falou uma vez não precisava falar mais.

As salas eram enormes, se alguém falava num canto não se ouvia no outro. Para limpar o assoalho eu espalhava areia nas tábuas e esfregava de joelhos, com um tijolo. Depois varria, jogava água e puxava com um pano torcido, todo nem existia. Imagine como ficava o rim de quem esfregava o tijolo!

Se eu chego na sua casa não sou visita não, arregaçava as mangas e ia pra cozinha, pro tanque, ou arrumar a casa. Lugar nenhum que eu chegasse nunca era visita, sempre chegava achava o que fazer, arregaçava meu bracinho, jogava meu aventalzinho e se tinha alguma coisa pra fazer eu fazia. De maneira que eu mesma fiz a minha felicidade sempre. Eu era a alegria da festa dos outros.

Quando meu pai ia fazer qualquer negócio ele sempre falava comigo. Desde pequena meu pai dizia que eu nasci exotista, que ele não sabia o que que eu tinha mas que eu era diferente dos outros. Quando eu me queixava de não saber ler, escrever bem ele dizia: “— Você não precisa minha filha, você é diferente de seus irmãos e não precisa de nada. Você tem tudo que Deus já deu.” Meu pai perguntava as coisas e eu respondia: “— Vou pensar um pouco, meu pai, depois falo com o senhor.” Quando acabavam de fazer um pedido pra mim me dava uma soneta e eu cochilava e

naquela cochilo' eu via as coisas como é que tinha que ser feito, como ia acontecer. "— Olha, meu pai, você deve fazer assim." E respondia para qualquer pessoa.

Minha família só fazia passeio quando tinha festa. Então a gente vinha tudo pra vila, na festa de São Benedito. Meu pai tinha lá muitas comadres, muitas primas parentes de minha avó, então a gente vinha pra Campinas. Mas que coisa! No Arraial a festa era bonita, mas muito bonita foi em Campinas sempre. E há bem pouco tempo que parou; com essa história do desenvolvimento agora a turma não quer mais saber. Fazíamos barracquinhas, a gente trazia leiteira, trazia frango, botava bastante coisa na barracquinha para vender e o dinheiro era para Igreja que como hoje tomava conta de orfanato, de gente pobre. Todo mundo que tinha coisa pra levar, levava, contente de ajudar. Às vezes vinha aqueles fazendeiros da redondeza comprava tudo e levava. Era divertido, dona, muito divertido!

E tinha missa bonita! Missa cantada, naquele tempo, só domingo. Durante a semana era em latim pra gente não entender. Hoje a gente reza junto com o padre. Fui sábado passado num casamento em Campinas e o padre dizia: "— Vocês não tenham vergonha de responder comigo: *Deus esteja conosco! Ele está sempre ao redor de nós!*" Mas aquilo numa voz só era um coro bonito. Antigamente era tudo caladinho, ninguém entendia latim.

Dom Neves é que deu a primeira comunhão pra gente, no Arraial. Não conhece Dom Neves? Ele foi o pai da pobreza lá em Campinas. Tem a estátua dele no Largo da Matriz, rodeado de crianças pobrezinhas. Era um bispo bom, simples, sem luxo. Dom Barreto era de família de tradição fina. Dom Neves era simples.

Na semana santa tinha muito mais respeito. Meu pai dizia: "— Vamos tomar banho e vamos pra igreja." A gente ficava duas horas fazendo guarda pro Santíssimo. Estava lá a Irmandade do Santíssimo com aquelas rouponas deles vermelhas, com o bastão na mão.

Hoje não tem mais nada disso, dona! Difícil até é ver o Santíssimo exposto. Hoje não tem festa nenhuma. Dia de São João, São Pedro, Santo Antônio todas as casas fazia fogueteiras, pipoca, bolo de fubá, pé-de-moleque de rapadura com amendoim. Chegava banda no Arraial, dançavam, festa de São João e São Pedro não passava sem baile. Hoje, não, nem fogos se pode soltar mais. Antigamente tinha muitos fogos. A festa do Divino era em junho, muito festejada, com procissão. Agora acabou tudo, não tem mais. As igrejas estão tirando os santos, tem muita igreja que nem tem

mais santo. Na festa de São Benedito cantavam, tinha banda de música, na igreja sempre teve coral:

*Queremos Deus que é nosso rei,
queremos Deus que é nosso pai.*

Isso era lindo, no momento assim não lembro de tudo, mas devagarzinho de vez em quando vou lembrando e começo a cantar aí pra criança, então eles fala: "— Tá alegre hoje, hein, velha?"

Na porta da igreja era um pátio grande, a gente dançava, ia... dançava com batucada, com viola. Eu quando entrava num samba era dura pra me tirar. Não era de par, dançava sozinha. Dançava aquele passinho bonito, quando um dançava, outro saía. "— Essa menina tem fogo no casco, ela não cansa."

O povo trazia cuscut, Nossa Senhora, tinha comida que não acaba mais. Muita gente trazia frango, torta, brioche de fubá, o prato bem enfeitado. O povo antigamente comia muito mais. Hoje ninguém come. Hoje todo mundo anda atrás de roupa. Hoje quer roupa, antigamente era comida. Depois da festa de São Benedito, vinham as plantações.

O circo ficava em qualquer lugar que dessem dinheiro, parava anos no lugar. Que eu me lembro bem é do Circo Queirolo, que andou aí por esse mundo de meu Deus, sempre o povo apoiando porque não tinha quase outro divertimento. Tinha teatro, mas em teatro o povo não podia ir porque precisava traje de rigor; então nós ia andar de traje de rigor? Hoje, vai de qualquer jeito, né? Mas antigamente, quando era teatro, Nossa Senhora, as donas se vestiam decotadas, aquelas mangas bufantes... Aquilo não era pra pobre, não. Depois que eu estava grande, o Circo Queirolo ficou armado ali no Largo Paçandu, e eu, chegava domingo, todo mundo tá procurando passeio, eu me vestia e ia pro circo. O Proim faz pouco tempo que morreu, ele foi do Circo Queirolo, era o mais novo dos seis irmãos, foi o último que morreu.

Natal sempre foi respeitado. Semana santa a gente precisa jejuar, era o dia que nós comia melhor em casa. Meu pai comprava peixe, fazia bacalhau, e era aquela mesa bonita, botava vinho na mesa, todo mundo tinha que tomar um pouquinho porque era o sangue de Cristo. Até meio-dia ninguém comia nada de manhã, às vezes tomava uma xicrinha de café. Ao meio-dia em ponto estava aquela mesa grande, abobrinha com bacalhau, bacalhau assado, salada bonita, com bastante cebola, ovos... Semana santa era aquela alegria e Natal reunia família: todo mundo, conhecido, amigo, vinha pra casa. Matava porco, matava um bozinho pra passar o Natal. Papai Noel, árvore de Natal é coisa de pouco

tempo. Presépio, sempre usou. Todo mundo tinha que ir na missa do galo, quisesse ou não quisesse. Hoje, ninguém mais vai, pelo menos na minha família largaram tudo. E foram tudo ensinado assim. Agora acabou tudo, dona, cada um pro seu lado, até Natal acabou.

Depois que eu fiquei cega nunca mais fiz Natal aqui em casa. Antes reunia a minha família, as pessoas conhecidas vinham tudo passar o Natal aqui comigo, eu enchia a casa, essa casa mesmo. O primeiro Natal que nós fomos almoçar fora, lá no caminho de São Roque, meu genro falou:

— A senhora gostou da comida?

— Gostei.

— Mas a senhora comeu com uma cara tão feia!

Outro dia fomos comer no Embu, naquele dia eu gostei do almoço, meu genro falou:

— A senhora sabe que eu não deixo fazer o Natal em casa porque vem todo mundo, depois todo mundo fica na sala e a Teodora na cozinha o dia inteiro. Todo o mundo é visita, né? Então juntou a família, todo mundo vem, tá tudo muito bem, agora cada um podia trazer um prato.

— E, mas nós nunca usamos isso.

Nos meus tempos de criança meu pai convidava e era tudo por conta dele, minha mãe era quem fazia roscas, sequinhos, biscoitos de polvilho em grande quantidade. Matava peru, assava porco, Nossa Senhora Aparecida, donai!

Dia de Natal em casa era festa naquele tempo. Hoje acabou, quase toda família não tem mais Natal. No meu tempo de criança todo mundo ajudava a lavar a louça, a olhar o forno de barro. A gente estava tão acostumado a assar leitão porurucal! Isso aprendi desde pequena: ferve a água, escalda bem pra depois temperar. Nunca fizemos carne de porco sem escaldar. Lava bem lavado com sabão depois passa limão com fubá pra tirar aquele cheirinho. Até agora faço assim: tempero bem salgado com alho, cebola, limão, pimenta-do-reino, uma pimentinha vermelha. A gente assava bem assado, tirava e deixava esfriar, depois passava água e limão no couro para por no forno. Agora não fazem mais nada assim, ficava porurucquinha, dá até vontade da gente comer.

No Natal todo mundo tocava violão, tocava flauta, as crianças gostavam de tocar flautinha de bambu, não sei como tocavam tudo bonitinho naquela flautinha. Quase todo mundo tocava violão de ouvido, a criança dançava, era bem divertido antigamente. Eu tenho lembrado aquela flautinha, de que adianta ter saudade, já passou. Tinha coisa muito boa, muito boa mesmo.

A Páscoa, Nossa Mãe, que beleza! Até agora, ih, eu fico triste quando chega o dia de Páscoa. Nós antigamente fazia aquele almoço grande, aí já não era muita carne como no dia de Natal: frango, ervilha que a gente plantava, debuhava e cozinhava. Sentava na mesa com os amigos, com a família, sempre festejei a Páscoa.

Minha mãe estava torrando farinha. Ela estendia aqueles panos alvos na grama e ia botando a farinha, que ia torrando ali. Nesse momento, ela estava no forno, a chuva caiu de repente, veio o temporal. Ela saiu quente e veio acudir a farinha dela, aquele beiju bonito de milho. A farinha não molhou mas deu um resfriado nela, atacou a garganta. Minha mãe ficou oito dias doente e não falou, não disse mais uma palavra, nem água não passou mais na garganta. Minha mãe morreu ressecada: tava no tacho redondo, no fogareu. A gente dizia: “— Dá um beiju, mãe!” Ela dava aqueles grandes.

Farinha de milho dá trabalho pra fazer, dona. Muito trabalho. Esse povo vê tudo bonitinho aí nos pacotes mas não sabe o trabalho que dá pra fazer. O milho ficava de molho na tina grande, depois a água vinha correndo no rego e o monjolo batia e socava o milho. Depois precisava torrar: ela fazia suco pra vender.

Quando minha mãe saiu correndo não tinha ninguém para acudir a farinha que estava no sol. Fechou a garganta dela que não falou mais uma palavra. Quando ela estava na cama ruim pra morrer, nós todos sentados na sala e meu pai rezando, ele chamou tudo, ela pediu que chamasse. Eu levei uma xicrinha de caldo de galinha e um pedacinho de peito que eu queria que ela comesse e virei na boca da minha mãe. Ela rolou, rolou, rolou a língua, o caldo ela engoliu. Aí eu fui jogar lá fora o resto e voltei outra vez para perto dela, passei a mão na testa dela, estava gelada, gelada, eu percebi que estava suando. Minha avó disse assim:

— Olha meus filhos, vocês se despeçam de sua mãe porque sua mãe está indo embora.

E perguntou:

— Teodora, quem são as suas crianças?

— Eu não sei, são uns meninos aí da colônia.

— São seus filhos que estão aqui.

— Não veio nenhum dos meus filhos aqui, só tem Risoleia.

Eu estava sentada numa mala grande, onde ela guardava a roupa, então levantei e vim bem pertinho. Segurei a mão dela e perguntei:

— Vovó, por que está tão gelada?

— Sua mãe está morrendo, você não está percebendo, minha filha?

Eu não queria que ela morresse no escuro e minha avó acendeu a vela, que eu segurei na mão dela. E mandou rezar o padrenosso e a ave-maria, que eram as únicas rezas que minha mãe sabia. Morreu na idade que eu mais precisava dela, eu que sonhava acordada com ela.

Logo depois que minha mãe morreu, lembro de uma estrela que apareceu e foi muito comentada, o dia que a terra tremeu e o Papa morreu. Todo mundo saiu pra ver a estrela e meu pai dizia: “— Sinal no céu é sinal de guerra.” — Mas a guerra acabou agora mesmo, não vai ter mais guerra! E teve. Era uma estrela bonita e a cauda dela pegava longe, parece que tinha luz na cauda interinha. Apareceu do lado do pôr-do-sol, à noite, uma vez só. Todo mundo fazia alarido: “— Olha a estrela de cauda, o mundo vai acabar se o sol bater na lua.” O mundo está sempre acabando.

Foi durante uma grande guerra que durou bastante anos que minha mãe morreu. Os patrões vinham toda semana pra fazenda e contavam as notícias. Minha mãe trabalhava lá dentro, fazia doce. Chegando em casa contava pra nós. A gente estava no sítio tudo bobo, ia saber de alguma coisa?! Agora todo mundo é esperto aqui na cidade, lê jornal, livro. O rádio e a televisão educou muito e estragou muito.

Quando minha mãe morreu, deixamos o Arraial, cada um foi pra casa do branco dele. Eu fui pra Dona Lalá, que foi sinhá de meu pai. Ela me ensinou a cozinhar, a bordar. Naquela ocasião da broca do café os fazendeiros perderam muito; eles não estavam já muito ricos. Dona Lalá fazia enxoval de criança, ela tinha encomendas grandes de São Paulo. Eu fazia rosinhas de roccó, bordados na cambraia, depois de bem lavado, bem engomadinho, tudo entido, era uma coisa linda, um trabalho fino.

Só pra gente rica que ela trabalhava. Eu aprendi a bordar muito bem. Levantava de madrugada, limpava a casa, depois ia no açougue buscar carne e ia pra cozinha, fazia comida gostosa. Depois que acabava de arrumar a cozinha ia ajudar Dona Lalá costurar.

Lembro de uma velhinha, a Quetita, que gostava muito de mim: ela era muito doente, e eu ia na casa dela, limpava, encerrava, fazia comida. Do jeito que eu chegava vestida, eu já jogava um avental e areava aquele mundo de panela de ferro, com sabão de cinza e areia e botava no sol. Aquela estante de panelas ficava que era uma beleza. Outro dia, lembrando com a filha dela, disse:

— Nunca que eu cheguei aqui como visita; já jogava um aventalinho e ia fazendo o que precisava.

— E você pensa que eu não sei disso? Minha mãe sempre dizia: “Aquele menina Risoleta era uma mão na roda quando chegava aqui”.

Encontrava sempre Quetita na cama, doente, o marido morreu, ela costurava pra fora. A madrinha dela era nhá Moça Fortes... Às vezes Quetita me levava numa festa, com banda de música e a gente gostava de dançar. Hoje não deixaram a banda morrer ainda, mas não é cultivado.

Sempre tinha procissão, agora não tem mais procissão, nem aqui nem em Campinas. A procissão de Nossa Senhora da Conceição saía rodeada das filhas de Maria. Eu deixei de ser filha de Maria por causa de um bispo, Dom Barreto. Ele disse que ia passar nós tudo pra Irmandade de São Benedito porque Nossa Senhora nunca teve filha preta. Eu gostei de responder assim pra ele: “— Nem branca. Qual é a filha branca que Nossa Senhora teve, faça o favor de dizer?!” Então a diretora da nossa ordem ficou brava comigo: “— Ué, você vai falar uma coisa dessas pro Bispo!” “— O que é que a senhora queria que eu falasse? Ela nunca teve filha nem branca nem preta.”

Todo domingo ia passear no Largo da Matriz, os pretos passeavam por fora e os brancos por dentro do jardim. Eu dizia assim: “— Por que é que vocês mesmos é que se separaram? Preto não tem vez dentro do jardim?” “— Não... a gente acostumou assim...” Achava que quando a gente cansava devia entrar no jardim e sentar num banco. Nunca aprovei isso, achava que estava errado.

Naquele tempo não tinha rádio, tinha gramofone da Casa Edson do Rio de Janeiro, o disco com a voz meio fanhosa. Na casa da Quetita juntava eu, a sobrinha dela que era namoradeira, vinha os mocinhos conversar com a gente. Daqui a pouco a gente tava tocando o gramofone e dançando. A gente dava corda na vitrola, diziam “Casa Edson” e aí vinha a música.

A matiné no cinema custava irezentos réis. Quando veio o cinema falado só vi uma vez porque já estava com catarata na vista. Era no cinema mudo que eu ia; era Carlitos. Não perdia um filme da Libertad Lamarque, a cantora de tangos. Gostava demais, ia todo domingo na matiné; tinha cadeira e galeria, que enchia de molecada e era mais barato.

Faziam muita serenata em Campinas naquela época e a gente não tinha licença de abrir a janela para espiar. Relembrar uma coisa dessas é triste: vinham quatro ou cinco moços, um tocava

violino, outro violão, outro cantava, e tocavam bandolim, cavaquinho, com aquela voz bonita que entrava no coração da gente e a gente ficava... quem disse que ficava dormindo?!

Quando fiquei mais crescidinha, no carnaval a gente caía na rua, passava o cordão, a banda do boi, ficava na calçada brincando. O carnaval era na rua. Para puxar um cordão não tinha como eu. Até hoje o pessoal quando me vê diz: "— Você deixou saudade, hein, Risoleia!" Nenhuma das minhas filhas não puxaram eu, elas são paradas, quietas, não são de divertir e divertir os outros. Quando comecei a dançar no carnaval veio:

*O teu cabelo não nega, mulata,
que tu és mulata na cor.
Mas como a cor não pega, mulata,
mulata eu quero o teu amor.*

Eu dançava, cantava, puxava o cordão, pintava o caneco. Passava mão numa vassoura, fazia dança com a vassoura e todo mundo me acompanhava. Aonde eu chegava não tinha tristeza, vinha alegria. Eu e a Delu não, tinha jeito, minha prima que hoje é doceira. Não tinha canseira, nunca atrasei com meu serviço. Sem eu a festa não tinha graça.

Tinha a família Santos, mulatos bonitos, morreram tudo, não ficou nenhum pra contar a história... quando eu chegava na rua eles gritavam: "— A Leta chegou!" O Armandinho, o Zezinho, o Edmundinho, o Ditinho, tudo assim da mesma idade da gente, aquilo era até bonito.

Nós tínhamos o clube dos mulatos, o Valete de Copas, como o Sargentelli aqui de São Paulo. O clube era só de mulato e mulata, não tinha branco nem preto. A gente juntava um dinheirinho, cada um dava um tanto pra pagar a orquestra e alugar salão. Mulato não entrava em baile de branco, tinha preconceito. Tinha e tem. Mas minha prima dizia: "— Mulata não tem bandeira mas tem proteção. Entra em qualquer lugar." As coisas nossas eram feitas direitinho, com muito respeito. Não era só a moçada, não, sempre ia um senhor casado, com família pra tomar conta do baile. As mocinhas sentavam, só dançavam quando tinham sido apresentadas ao rapaz e feito amizade. Ele pedia então: "— A senhora quer me dar o prazer dessa contradança?" Quando vinham dois de uma só vez eu dizia: "— Agora, como é que é? Eu sou uma só!" "— Essa você dança com ele e a outra comigo, pra não ter briga." Senão, saía briga. Depois que tocava a música ele dava a volta no salão com a dama e chegava no lugar e deixava a gente sentadinha lá.

Minhas primas eram festeiras de São Benedito: iam vestida de seda, de rainha, de princesas, com a coroa. A rainha ia carregada num quadrado de cetim, com um varão com quatro pessoas carregando de cada lado. A procissão na frente e a rainha e as princesas atrás dentro do quadrado e o povo segurando. A rainha parecia uma noiva e era ela quem escolhia a festeira do próximo ano. Aquela que ela entregasse a coroa no meio da igreja, era a festeira. Era uma honra muito grande, só que a gente gastava muito.

E hoje não trabalham o ano inteirinho para as fantasias tão bonitas de carnaval? Assim era a festa de São Benedito. As filhas de Maria saíam chiques, bem vestidas que só vendo e sempre a festeira era uma das filhas de Maria que gastava, mandava enfeitar a igreja, o altar, coisa linda. Era por conta dos festeiros, mas o povo todo ajudava, tirava esmola na rua. Mas era festa!

A gente usava fazer muita romaria no Monte Alegre, ia em Aparecida de trem. Monte Alegre era lá para o lado de Amparo e a romaria era para São Bom Jesus. Faziam quermesse, tinha prendas, tinha jogos, tinha tudo. Agora não fazem mais essas coisas, não tem tempo. Nem procissão, nem nada, não tem mais, não sei o que é isso.

Nas festas de São Benedito tinha sapateado, a gente levava três, quatro dias na porta da igreja. Era dança dia e noite. Comecava dia 1º de janeiro e encerrava dia seis, na festa de Reis. Tocava viola, vinha banda, a gente batia o pé no chão, dançava. Samba era comigo, ihl, quando o violino começava a tocar, eu era gordinha, sacudia aquele corpinho. A dança era a semana inteira. Quando ouço no rádio as músicas caipiras de manhã cedo, eu lembro dos sambinhas que eu dançava, o vestido estampado, sapatinho baixo. Nem assim minha perna engrossou.

Vim cedo trabalhar aqui em São Paulo. Perdemos a chácara do Arraial porque meu pai, velho, doente, não pagava imposto e ninguém procurou pagar. A minha casa não existe mais, aquilo foi tudo vendido e loteado: tem casas, ruas, onde era chácara está tudo asfaltado.

Meu pai e minha avó foram escravos, vendidos como se vende porco. Quando tinham sorte caíam nas mãos de um sinhô que não judiava deles. Conheci bem a mãe de minha mãe, Marcelina Maria da Conceição, que acabou de criar todos nós. Quando minha mãe morreu ficamos precisando de afeto e ela era uma velhinha afetuosa! Ficou muito velha, não tinha quem tratasse, foi morrer num asilo.

coitada! Morreu com noventa e seis anos e com uma tristeza, um desgosto de estar no asilo, ceguinha.

A família do sinhô de meu pai não abandonou ele, esse teve sorte, a estrela dele brilhou: ficou cego como eu estou. O filho do sinhô dava roupa, comida, depois levou ele pra Santa Casa no pavilhão dos velhos. Ficou mais de dez anos lá porque não tinha quem tratasse dele, os filhos eram pobrezinhos. Tinha aquela ferida na perna, precisava fazer curativo mas, tá-tá-tá, com a bengalinha dele, com o tamanquinho dele andava Campinas inteira. Morreu com noventa e nove anos.

Joaquim foi pra Casa Branca, casou, teve quinze filhos, mas morreu tudo, tudo, tudo; ficou uma sobrinha só, em Taboão da Serra. Esse irmão que eu adorava acabou os dias dele aqui em São Paulo. O Arlindo sumiu e morreu há muito tempo. Quando a Dominga cresceu costurava bem, mas teve que trabalhar em casa de família. Viúva, foi para o Asilo São Vicente de Paula e assim acabou os dias no quartinho dela, sozinha e Deus. O resto estão todos enterrados lá no Arraial dos Sousa's.

* * *

Trabalhei com Dona Lalá dezessete anos. Quando ela morreu fui pra Dona Duarda, irmã dela, e depois pra sobrinha Dona Nicota, doze anos; essa Dona Nicota — tratava de Cotinha — casou com um primo-irmão, gente dos Aranha, e morou na Avenida Angélica, na Rua Itacolomi.

Mocinha fiquei com reumatismo, saía pelotes deformando as mãos, entortando tudo. Não sei como peguei esse reumatismo tão feio; eu lavava quintal, descalça... quem sabe. Sei que sarei e fiquei boa. Mas nessa ocasião eu tratava de tanta gente, morria gente que botavam nos caminhões e levavam pro cemitério sem caixão pra enterrar porque não venciam. A gente morria como morre galinha quando dá peste: era a gripe espanhola. Fazia chá de canela e levava para os doentes. Andava no meio deles e não tive a gripe. Eu nasci pra sofrer mesmo. Alguém me via andando pra cá e pra lá e dizia: “— Menina, o que você está fazendo por aí? Você não acha que devia ficar quieta lá dentro de casa e não sair?” “— Mas essa gente não tem quem faça comida, não tem quem faça um chá.” La para os barracos de madeira nas favelas com um pacote de canela e a panelinha com um pouco de açúcar. Até ficavam bravos comigo: “— Você vai buscar doença lá pra trazer aqui.” “— Mas eu já trarei de gente com bexiga e não peguei.”

Minha madrinha teve bexiga e ficou com o rosto todo empeltado, não tinha quem tratasse dela. Eu era menina; dava banho

nela, fazia curativo, punha água morna numa bacinha e com algo-dão lavava o rosto dela, tirava aquelas cascas, depois passava uma pomada. Não pegou em mim. Quando ela sarou ficaram uns buratinhos no rosto dela, aí o médico veio: “— Vou levar você para o Isolamento e sua madrinha porque você ficou aqui no meio dos bexiguentos.” “— Se quiser levar os bexiguentos leve, mas eu não vou não.”

Foi uma epidemia lá em Campinas que foi pior que a gripe espanhola que deu em São Paulo quando eu já tinha dezoito, dezenove anos. Não tinha medo de nada e nunca me aconteceu nada, graças a Deus, nem aquelas doenças de criança que todo mundo em minha casa tiveram: tosse comprida, catapora, sarampo. A única doença que tive foi o reumatismo no braço que levantou um pelotão. O médico falou: “— Essa hérnia pra curar não adianta remédio, só banho de mar.” Meu pai dizia: “— Como posso mandar essa menina pra Santos? Não tenho dinheiro.” Dona Lalá respondeu: “— Deixa essa menina ir pra Santos, ela fica no hotel e eu pago toda despesa.” E eu fui. Aquilo foi bonito, bonito. Gente boa, mas boa mesmo, não é de fantasia, porque a bondade vem daqui de dentro e não da garganta.

Quem trabalhava não tinha direito a nada. Eu que tivesse vontade de trabalhar, que serviço não faltava e eu não era preguiçosa; então conquistei as patroas, elas gostavam de mim eu gostava delas. Se tinham tristezas, eu sentava no chão e ficava fazendo um carinho pra elas. Se brigavam com o marido eu não deixava ficar de mal: “— Por que que brigou? Não precisa brigar.” Mas a gente não tinha direito a nada, nem férias. Descanso, domingo, só depois que fazia todo o serviço e deixava a mesa do lanche pronta, era muito difícil eles comerem fora. Então saía pra passear, mas de noite já estava lá porque segunda tinha que levantar às quatro horas. Quando ia chamar os meninos já ia com a bandeja de café, pão torrado, já tinha acendido antes o fogão de lenha pra esquentar tudo. Eu era bem mocinha e fazia tudo isso. Era muito caprichosa, gostava de arrumar a mesa bonita, com flores, guardanapo eu dobrava em leque, em coração, cada dia dobrava de uma forma, engomadinho. Hoje, é tudo jogado de qualquer jeito, naquele tempo tinha muito capricho nas casas de família.

Quando eu estava trabalhando em casa de família de manhã ficava andando na horta, passando daqui e dali. A patroa gritava: “— Você não vai fazer almoço hoje?” “— Já vou indo minha senhora, tenha paciência que já vou indo.” E pedia: “— Me ajude São Benedito, que sua filha está atrasada, foi passear e ficou apertada.” Chegava na cozinha, parece que tinha uma porção de mãos me ajudando. Num instantinho eu fazia tudo.

Tinha que levantar todo dia às quatro horas para acender o fogão de lenha e levar o café com torradas bem quentes com bastante manteiga no quarto dos meninos. Quem ia me acordar? Rezava de noite e pedia a Nossa Senhora, a Bom Jesus de Pirapora que não deixassem eu perder a hora. E todo dia ouvia bater na minha porta e ouvia chamar pelo meu nome de manhazinha.

Nunca pude acompanhar as notícias, assistir às festas e movimentos da cidade quando trabalhava. A gente ficava seis meses sem ver a cara da rua! Sempre tinha serviço e sábado e domingo era o dia que se trabalhava mais: ia fazer doces, biscoitinhos, sequilinhos porque domingo a família toda reunia. Eles almoçavam e jantavam domingo um arroz de forno muito bonito, frango assado, pernil assado, ou aqueles pastéis que quando acabava de fazer a gente já não tinha nem vontade de sair.

Não pude ver o Congresso Eucarístico, nem o Quarto Centenário. A vida foi muito dura, mas eu achava bonito trabalhar, sempre fui com vontade de servir, fazia as coisas com amor. Não faço nada relutando, não faço mesmo. Pedia pra Deus, pra São Benedito que tudo saísse gostoso, com paladar diferente e que não fizesse mal pra ninguém. Graças a Deus, graças a Deus minha comida nunca fez mal pra ninguém.

Em 1924, eu estava trabalhando com Dona Nicota, na Alameda Barros. Tomamos um carreirão que fomos parar em Campinas. Foi um tiroteio, queriam bombardear a torto e a direito; quebraram todos os vidros de bonde. Corremos para Campinas e ficamos refugiados na Casa de Cultura Artística. Na hora do bombardeio quem podia fugir, fugiu. Não sei porque foi aquela revolução, depois em 30 também não teve outra?

Eu trabalhava no Doutor Alarico. Os patrões eram contra o Getúlio, eu era getulista. Mas tinha que servir café pros soldados que se arrancharam lá na Rádio Educadora Paulista, na Rua Carlos Sampaio. Era aquela soldadescia e as moças queriam trabalhar pela revolução e dar ouro para o bem de São Paulo. A família catou todo o ouro que podia, jóias, cada jóia bonita de Dona Clotilde ela ia amontoando para o bem de São Paulo. Eu disse assim: “— Por que a senhora não dá esse brochinho quebrado pra mim? Se um dia eu precisar de dinheiro eu vendo.” “— Não! Precisamos dar tudo para salvar São Paulo!” São Paulo era contra o Getúlio, os revolucionários lutavam com os legalistas, mas eu era a favor do Getúlio, achava ele bom. As coisas que ele criou para os pobres vigoram até hoje. Não tinha aposentadoria pra ninguém, quem criou foi ele. Foi por causa da tal da carta magna que mataram ele. Ele andava assim na rua e falava com os pobres, apoiava os pobres.

Quando um empregado hoje trabalhou mais de dez anos numa firma já tem direito aos lucros da firma. Quanto patrão mandava o empregado embora antes dos dez anos pra não ter que pagar! Antes do Getúlio tinha muita injustiça: a pessoa trabalhava sem aposentadoria, não tinha direito a nada. Não gostavam dele porque ele era do lado da pobreza, achava que os pobres haviam de ser menos pobres e os ricos menos ricos. E os ricos cada vez mais subiam.

Quando o Eduardo Gomes se candidatou pra presidência, os patrões queriam que ele subisse, mas não podia não. Isso aí não era pra banda dos pobres, ele é candidato só de gente rica, nós vamos é do lado do pobre mesmo. Eu era cabo eleitoral do Getúlio, quanto eleitor eu arranjava! Nunca votei, mas se torcia! Ele criou caderneta de trabalho. Quando batiam à porta em casa de família diziam pra empregada: “— Você vai atender à porta, mas se for fiscal do governo diga que não é empregada, que você é uma pessoa da família que sempre viveu com a gente aqui.” Só pra não tirar a caderneta de trabalho pra gente. As empregadas que trabalhavam a vida inteira ficavam na miséria, morriam no asilo, cotidinhas, sem nada!

Minha avó, minha mãe, não, porque morreu cedo, mas senão tinha morrido também lá. Minha avó, quando ficou cega, passava a mão na cabeça da gente, quando nós íamos lá, e tinha um desgosto tão grande de morrer no asilo! Comigo é a mesma coisa quando vou no asilo: o pessoal pega e segura na minha mão.

Quanta injustiça! Às vezes, uma ou outra patroa tinha o coração no peito, deixava um dinheirinho pras empregadas que trabalhavam com ela mais de trinta, quarenta anos, como fez nhá Moça Hortes lá de Campinas com as empregadas dela, como a Quetita. A gente ganhava uma bagatela que não dava pra nada, nem pra se vestir. Tinha que comprar as fazendinhas barata da Pernambuco pra fazer os vestidinhos e as patroas compravam as fazendas caríssimas delas e não davam nunca para a empregada vestir, pra ela não ficar chique. Que espírito atrasado que elas tinham! Viajavam, estudavam, eram cheios de orgulho. Se a gente chegava e eles estavam sentados na sala a gente conversava o tempo inteiro de pé, não podia sentar junto com eles. Isso não é uma afronta? Hoje eles não são mais assim, conversam, sentam na mesa com a gente, comem.

Se não fosse o Getúlio até hoje creio que não tinham criado a aposentadoria. Foi o Getúlio que criou as leis do trabalho e por isso mesmo que mataram ele. Ele não se suicidou, não, mataram ele. A última carta que ele deixou escrita mandei botar até num quadrinho no meu quarto (agora minha filha jogou tudo fora). Escutei rádio a

noite inteirinha quando ele morreu. Quando Eduardo Gomes acabou de discutir com ele entrou no elevador e falou: “— Esse nós já liquidamos. Agora falta um, o Oswaldo Aranha!” Não levou muito tempo Oswaldo Aranha morreu: ele era neto da família de que meu pai foi escravo. Ouvi pelo rádio a morte do Getúlio. Como eu chorei naquele dia 24 de agosto! Foi às oito horas da manhã que mataram ele. Pra mim foi o irmão dele que, a mandado, disparou nele. Ele não era homem pra se matar.

*

* * *

Casei em 1926 com um amigo de infância, ele era bonito e não era preto, preto chega eu. Nossas famílias eram amigas, um conhecia bem o outro, Florencio parecia mais irmão que marido meu. Nós brincamos juntos no Arraial de boca-de-forno, forno, tira-bolo! A gente corria junto, brincava de pegador.

Antigamente o namorado ficava sentado na sala com o papai e manãe. E a gente ficava lá pra dentro, trabalhando. Naquele tempo não tinha noivado, não usava essas coisas. O namorado chegava, cumprimentava: “boa noite”, “boa noite, como vai”, “como vai”, tá-tá e tá-tá... E ficava conversando com o pai da moça.

Ele gostou de mim, eu gostei dele, a gente não fez luxo pra casar. Foi amor mesmo, eu não tinha nada, ele também não tinha nada. Ele trabalhava, eu também trabalhava: “— Nossos filhos hão de ganhar a vida mais fácil do que nós ganhamos. Não vamos criar nossos filhos como nossos parentes criou nós.” Ele era marceneiro mas tinha muita vontade de estudar e não podia. Eu sabia que não podia mesmo e nunca sonhei acordada. Sonhava que queria trabalhar e lutar e vencer. E lutei e venci. Isso é o que sonhei sempre.

O casamento foi o mais simples que podia ser feito, quisemos que fosse na Matriz velha de Campinas. Fomos morar numa casinha compridinha, baixa, na Rua Dr. Quirino, 99. Tinha sala, um corredor e uma alçova sem janela. Dona Marquinha Ferreira comprou e deu pr’uma preta que foi cozinheira dela. Custou dois contos de réis naquele tempo. Agora a casa é de Quetita, uma prima minha. Aquela mulher deu a casinha pra Quetita. Ainda vou sempre lá para ver essa casa. Agora já morreu tudo, já acabou tudo.

Ele trabalhava na marcenaria, e eu em casa de família. Mas a gente tinha a casinha da gente e vontade de ficar em casa: ficava conversando os dois, trocando idéias, contando muita história. Ou trazia nossos amiguinhos à noite e jogava bisca, escopa, tudo pra passar o tempo. Em casa, não gostávamos de sair. Foi uma vida simples, sossegada, uma vida até meio monótona. Ele falava

sempre: “— Vai chegar um tempo que você não vai mais precisar trabalhar e vai ficar cuidando de nossa casa; vamos ter muitos filhos!” Ele gostava de crianças e eu também. Deus não quis isso. Florencio teve que fechar a marcenaria que não estava dando lucro e foi trabalhar numa fábrica como oficial marceneiro, com ordenado. Era uma oficina grande de móveis.

Minha primeira filha nasceu em 27. Trabalhei até o fim da gravidez e a menina nasceu em casa, a parteira chamava Dona Julianna, paguei duzentos mil-réis pelo parto. Ela dizia assim: “— Meu Deus, a criança está nascendo, ela é tão bonita!” Chamei a menina de Teodora. Durante sete dias a parteira veio dar banho no nenê. A gente evitava pra não ter outro logo. Meu marido não queria e me dizia: “— Vamos arrumar nossa vida antes de botar outra criança no mundo só pra sofrer.” Ele tinha mais juízo do que eu.

A Teodora minha era linda. Quando ela estava com sete anos fiquei esperando outra criança. Estava grávida de quatro meses. Florencio saiu de manhã e me disse: “— Vou passar na farmácia tomar uma injeção porque estou um pouco gripado e de lá vou pro serviço.” Eu me sentei na máquina e estava costurando pras minhas crianças. Daqui a pouco o farmacêutico bateu na porta com o chapéu dele na mão, muito tempo eu guardei aquele chapéu! “— Dona Risoleta, vá buscar seu marido que ele acabou de morrer, na farmácia.” Naquele susto, a agulha varou minha mão. O farmacêutico leve que desmontar a máquina para tirar minha mão dali.

O Florencio não tinha nem trinta anos. Morri pouco tempo na minha casa. Quando ele morreu tive que sair de lá e fui-me embora pra casa dos patrões onde trabalhava quando era solteira. Vim-me embora. O tempo dele na fábrica não deu pra aposentadoria, então eu vendi todas as ferramentas dele e apurei quinze contos. Foi a única coisa que ele deixou. Aluguei uma casa na Rua Barra Funda, 22: tinha uma chapelaria na esquina com a Rua Conselheiro Brotero e a casa nossa. Eu chorava: “— O que que eu vou fazer com dois filhos sem marido?” Subi numa escada de vinte e oito degraus, cheguei numa janela bem alta e me joguei lá pra baixo. Me bati contra o chão do quintal e fiquei com uma ferida durante a gravidez toda e não sarei. Me mandaram tomar chás e comer caldo de feijão sem sal, fiz tudo para tirar a criança. Às vezes me arrependo e peço perdão pra Deus, uma filha tão boa não ia jogar fora não. A gente que trabalha não pode guardar tanta coisa assim na cabeça. A gente esquece e procura esquecer.

No meu tempo só tinha bonde aberto e o “caradura”, que era o bonde operário. Então a gente ia no “caradura” com a trouxa de

roupa pra não ter que pagar duzentos réis. O bonde fechado, camarão, veio depois. Não andava de ônibus, só gostava de bonde.

São Paulo até embaixo do Viaduto do Chá era uma chácara, tinha verdura, vaca de leite. O viaduto não era esse, era outro de grades de ferro. Quando o bonde passava lá em cima as pedras tremiam, parece que ia cair. E lá embaixo era chácara, a gente descia pela escadaria para os matos. Onde é a Rua Xavier de Toledo eram casas de pobres que alugavam cômodos. Subindo a escadaria, atravessava uns trilhos e já saía na Rua das Palmeiras. A Rua Direita era uma ruazinha estreita, tinha a Casa Alegre na esquina que era do Conde São Joaquim em que vendia perfumes. Por lá passava o corso no carnaval.

O Municipal já tinha e do outro lado o Teatro São José, onde é a Light. O primeiro prédio quem fez foi o Matarazzo. Depois veio o Prédio Martinelli, na Avenida São João. Na Rua São Bento ficava a Leitaria, Ferreira, uma leitaria chique. Gente de cor só podia comprar no balcão, não deixavam entrar e sentar, mesmo que fosse mulato bem claro. Ia ficar como nos Estados Unidos, que preto precisa andar no meio da rua, não pode andar na calçada? No Brasil teve um tempo que foi assim.

Me lembro bem de um ladrão famoso, Meneghetti, que roubava dos ricos pra dar pros pobres, parecia passarinho pulando de uma casa pra outra, parece que avoava.

Aqui em São Paulo fechei minha residência e aqui estou até hoje. Consegui logo emprego na casa da Dona Cotinha e nessa família trabalhei dezoito anos. Foi lá que criei meus filhos e juntei todas essas crias pra criar. Ganhava duzentos e cinqüenta mil-réis, dava pra mim pagar casa e vestir minhas crianças. A despesa foi aumentando, ela não aumentava o ordenado e eu também não queria pedir. Eu pagava duzentos e cinqüenta mil-réis o aluguel da casa, mas eu aluguei um quarto pra três rapazes que saíram da roça; com esse dinheiro é que eu comprava fruta, pagava condução. Cada um deles pagava cento e trinta pra mim: casa e comida. Trabalhando fora ainda lavava a roupa e dava pra eles.

Chegava de noite do meu serviço, cozinhava feijão, ensaboaava a roupa deles, lavava com água quente e no outro dia levantava cedo, pra fazer o almoço e deixar pronto pra eles. Enchia bem o fogão de cinzas e naquele carrão miudinho botava dois tijolos e botava as panelas por cima. Quando chegavam pra almoçar encontravam quenteinho. A Teodora de noite tirava as panelas, botava no chão da pia e lavava a louça que estava suja.

Uma vez, quando eu estava trabalhando, a Teodora caiu e quebrou o braço. Levei no Sanatório Santa Catarina pra consertar.

Quando a menina saiu o osso ficou pulado. Levei no médico e ele disse: “— Precisa quebrar outra vez pra pôr no lugar.” “— Meu Deus, quanto essa menina vai sofrer!”

Então fiz promessa pra Santa Terezinha — não tinham nem assentado a primeira pedra da igreja dela na Rua Maranhão — que se ela ficasse perfeita e não precisasse quebrar quando ela sarasse, até completar doze anos, toda procição que tivesse eu ia tirar ela de anjo. Foi a olhos vistos que o osso desapareceu, numa semana. O médico perguntou: “— O que que a senhora fez?” “— Nada! O que que eu podia fazer?” Só quando eu dava banho nela fazia massagem com álcool e o osso voltou no lugar.

Na coroação de Nossa Senhora vinham buscar a menina. Teodora era o anjo mais bonito da procição e não faltava gente pra levar meu anjo. O anjo era carregado toda procição por mão de homens, eles não gostavam que mulher levasse os anjos. Teodora ia comigo pro Jardim América, no serviço. A Florência eu levava no braço depois.

Trouxe da fazenda da patroa uma empregadinha pra mim, ensinei a cozinhar, lavar a roupa, tomar conta da casa e pagava vinte mil-réis pra ela. Depois elas foram crescendo e em casa de patrão não tem liberdade. Agora, como é que vai fazer? Quando disse que ia sair do emprego, minha patroa não queria deixar eu sair: “— Onde já se viu uma cozinheira como você dar pensão?” “— Ah, dona, mas eu não vou cozinhar pra cachorro, vou cozinhar pra gente mesmo.” Quería educar minha filha e com ordenadinho de casa de patrão...

Nunca fui recompensada e sempre carreguei a casa das patros nas minhas costas. Davam um ordenadinho e ainda achavam que estavam pagando muito. Lutei sozinha com Deus. Eu pedia dia e noite que Deus não deixasse eu sucumbir. Às vezes atrasava uns dias o aluguel; corria lá pro dono da casa: “— Tenha paciência, espere uns dias, que esse mês aconteceu qualquer coisa que não estava no programa e eu me atrasei um pouco.”

“Se pra pagar um mês é duro imagine se eu vou deixar juntar três. Quero pagar o colégio pra ela, dona, se posso ganhar mais, não quero sacrificar minha filha, ela não vai ganhar sua vida sacrificada como eu sempre ganhei.” Ganhei minha vida sacrificada, mas muito mesmo! Eu ganhava duzentos e cinqüenta mil-réis. Nunca passei de duzentos e setenta. Nem vale a pena chamar isso de aumento. Qual é o aumento? Era o aluguel da casa, apenas.

Aluguei uma casa no Paraíso, Rua Abílio Soares, 76. Ali eu era *Dona Risoleta*, todos me chamavam *Dona Risoleta*. Nunca pus um anúncio da pensão, e uma freguesa fazia outra, as famílias

dinheiro, e ficou de me pagar trezentos mil-réis por mês, eu acceitei. Dava tudo pro menino, fazia mamadeira, sopinha, ele era um bebê de seis meses. E a mãe sumiu que nunca mais apareceu. Não tive coragem de levar no Juizado.

Morei na Rafael de Barros número 176 e depois mudei para a Abílio Soares número 805, tudo isso está lá até hoje, no Paraíso. Comecei a dar pensão, meus filhos era tudo pequeno. Perdi a vista assim sem mais nem menos, escureceu e fiquei quatro meses no escuro. Minha filha mais velha não tinha nem tirado o diploma do grupo. — “Meu Deus”, eu dizia, “como é que eu vou ficar com essas crianças tudo pequena? Eu sou tudo deles: sou mãe, sou pai, sou avó, sou tia, eles não têm mais ninguém.” Batia clara de ovo para pôr na vista. Fui no oculista, o Doutor Pontual que já morreu, e ele me deu um remedinho, só sei que depois de quatro meses no escuro minha vista voltou.

Carinhos tinha as perninhas tortas, viradas pra dentro, parecia paralisia infantil, e fininhas assim como está minha perna agora. Ajoelhada, pedi pra Santo Antônio que se ele endireitasse as perninhas dele sem precisar operar eu ia dar um mês pão para os pobres da Igreja de Santo Antônio do Valonga, perto da estação de Santos. Em uma semana a perna do menino endireitou, foi uma graça grande que alcancei. Cumpri a promessa: fui pra Santos, levei comida pra todos nós, assisti à missa, de começo ao fim ajoelhada. Confesses, comunguei, o frade benzeu as crianças. Renato, que era retardado, melhorou bastante com a bênção. Dei um mês de pão e leite para os pobres de Santo Antônio. Outro dia veio um homem aí e perguntou:

— Cadê aquele aleijadinho que a senhora criava?

— Olha ele atrás do senhor.

— Não diga que é esse menino!

O Renato desfalacia quando tinha acesso de bronquite, eu precisava abanar, abanar, abanar pra ele não desmatar. A Joana também e o Carinhos. Mas tratei e consegui curar com simpatia. Só que eles não podem saber. Esse remédio só cura dos sete aos quinze anos. Quantas crianças que eu curei! A amostra está aí dentro de casa. Me ensinaram a tirar a barba do cavanhaque do bode: eu torrava na frigideira e socava num paninho bem socadinho e coava numa peneirinha bem fininha que eu tinha e dava pra eles misturado no chá, no leite. Mas precisava fazer três meses na primeira sexta-feira do minguante. Fiz isso bem direitinho e guardava no vidro, pois dizia... “sempre vou achar bode?” Pra eles arrancarem o fio da barba já xingavam tanto a gente!

O Renato foi o que me deu mais trabalho porque era retardado. Cotiadinho, era tão retardado que só queria dormir. Meu Deus do céu, tinha os nervos tudo mole, tomou tanta Emulsão de Scott, óleo de figado de bacalhau. O tratamento dele na clínica durou nove anos, tomou tanta injeção que ninguém podia tocar o dedo nele. Tomou um remédio que custava cada vidro 480 cruzeiros, durante um ano, engolia vinte drágeas de cada vez. Aí, pude mandar ele na escola e ele aprendeu mesmo.

Fasse menino me deu muito trabalho! Primeiro tentei curar ele com médico. Fui no Doutor Paiva Ramos, lá na cidade: um dia sim, um dia não eu levava ele pra tomar banho de ultravioleta. Descia do ônibus, subia a ladeira com esse menino no meu braço, lá na Rua Maria Paula, pegado à Federação Espirita. De manhã, já tinha feito almoço pra despachar minhas marmitas. O Renato tinha dois, três anos nessa época. Pagava 50 cruzeiros cada aplicação naquele tempo!

Quando mudei para Santo Amaro, em 1945, do Biológico para cá era tudo mata que ia até a avenida. A Rua Indianópolis era só capão de Jaraguá, aquele capim do brejo e uma casa aqui... outra lá. Eles loteou tudo, vendeu tudo, fez casa em tudo. O trem de Santo Amaro entrava numa mata virgem e ia: *Tendendém, tendendém!* dentro da mata. Gostava de partir da estação e ir até o Mercado Central de trenzinho. Depois foram tirando tudo, tiraram o bonde e puseram ônibus, se vê como é que está. Quando vim para Santo Amaro comeci a dar oito marmitas. Ninguém me ajudava, precisava pagar o colégio das crianças e vestir e calçar. As mães sumiu!

Éra uma vila bonita aqui, eu tinha varal aí fora por tudo. Lavava e ficava passando roupa a noite inteira, quinze, quatorze dúzias de peças, tudo engomadinho. Meus filhos eram pequenos: oito anos, cinco anos, quatro anos, aquela escadinha. Lembro do primeiro rádio que comprei, artigo de segunda mão, com uma noite de cem mil-réis. A primeira novela que ouvi foi *A escrava Isaura*. Era no tempo da escravidão e eu chorava. As crianças reclamavam: “— Mãe, a senhora vai ver novela pra se distrair ou pra chorar?” “— É de ver tanta judiação, meus filhos, imagine se eu fosse desse tempo, se eu fosse a escrava Isaura, eu me jogava no poço...”

Ganhava o sustento no tanque e no fogão. E engomava blusa, vestidinho, saião de linho, terno. Vinha pra lavar, passar, engomar e fazer tioré nas rendas. E tudo da mesma família Penteador: roupa da Dona Duarda, roupa da Dona Cotinha, ela morreu com a roupa

que engomei. A governante dela veio aquela semana de sua morte aqui em casa buscar os lençóis bonitos de linho. Se eu soubesse que a malvada não ia entregar eu não tinha dado. Dizem que ela não entregou a roupa não.

Enquanto cozinhava e despachava marmitta, as meninas me ajudavam: a Florência chegava, tirava o uniformzinho da escola, estendia na cadeira. Se a blusinha tava suja ela já passava n'água e botava no varal. Pegava no ferro desde o tempo em que não sabia nem dobrar uma camisa ainda. Depois ela aprendeu a dobrar e passava a perna em mim. Enquanto eu passava quatro camisas ela passava quatorze. Teodora gostava de tirar mesa, botar mesa, nasceu com espírito de rico, não ia em fogão nem em tanque. Fazia uma sobremesa todo dia; meu povo passava bem, não era maltratado não, dona. Eu tinha oito colher na mesa.

O Renato deu trabalho, era doente, retardado, tinha bronquite asmática. E o Carlinhos era muito levado. Os outros diziam pra mim: “— Você é boba, as mães largou aí, leva pro Juizado de Menores.” “— Eu não levo!”

Os meninos fizeram grupo, ninguém não quis fazer ginásio. Eu mandava eles na escola, iam passear por aí, comer sorvete... Na hora que acabava a escola eu perguntava: “— Cadê a lição?” “— A professora não deu hoje.”

As meninas tirou diploma do ginásio na Escola Rodrigues Alves e o diploma de Contabilidade. Quería que elas fossem professoras não quiseram ser, quería que elas fossem costureiras não quiseram ser, quando elas falaram que queriam ser contadoras não esperi falar duas vezes, sai correndo fui fazer a matrícula. Quando elas viram, a matrícula estava no meu bolso e não podia mais voltar. “— Agora vocês vão estudar.”

Fazia esse sacrificio mas não mandei nenhum embora. Nunca tive coragem de largar minhas crianças. Criei todos. Todos sabem ler, sabem escrever. Até meu retardado sabe ler e escrever. Sei de gente rica que tem retardado que não sabe ler nem escrever. Todo mundo admirava de ver tudo bem vestidinho, com uniforme na escola, tirando diploma.

Outro dia estava falando pras minhas filhas: “— Nunca tive um tostão na caixa, nunca tive um tostão em lugar nenhum e nunca faltou nada para vocês.”

Levantava de manhã, quem tomava mamadeira, tomava a mamadeira, depois botava os pequenos na sala, com os travessinhos deles... E assim eu criei toda essa cria.

* * *

Morei sempre com a Florência que enviuvou e com o filho dela. Todo resto do pessoal que se vê aí na casa é meu. Minhas filhas não deram trabalho nem pra criar, nem pra casar; no emprego que entraram estão até hoje. Se formaram em Contabilidade e são chefes de seção, elas não dão demonstração, mas sei que estão orgulhosas por dentro. Minhas filhas não têm medo de mim, têm respeito, não fazem nada sem me consultar. Teodora trabalhou como escriturária, depois entrou na Prefeitura e casou com um advogado, a mãe dele é última pessoa e com proteção da mãe está agora no Estado; senão, já tinham mandado ele embora. Estão com três filhos. Meus genros não gostam muito do trabalho.

Florência casou com vinte e dois anos e enviuvou, é mãe desse menino que está aqui comigo. Florência nunca se separou de mim, só pra viagem de lua-de-mel. Joana é criança ainda, está com trinta e poucos anos, tem dois filhos pequeninhos. Joana estudou um pouco, agora trabalha no Estado, entrou como continua.

Dos rapazes, o único que casou foi o Totoca, com uma portuguesa. Estou com um casal de netos bonitos, branquinhos. Totoca é vidraceteiro, não quis estudar, no último ano de Contabilidade ele deixou. Mas a menina dele é um amor, estudiosa que só vendo. O Ditto era pintor, começou a beber, a beber. Disse pra ele: “— Você escolhe eu ou a pinga. Você tá criando problema pra Florência e o marido.” Eu não era mais a dona da casa, eles é que eram os donos. O Ditto sumiu. Não me procura há onze anos, não sei se está vivo ou morto. Quando o Carlinhos entrou numa idade ruim, com quinze, dezessesis anos os meninos ficam impossíveis mesmo, o meu genro botou o Carlinhos pra fora. Eu já não estava enxergando e disse: “— A casa é sua, quem manda é você.”

Um pai bota o filho na rua pra endireitar ele? Rua não endireita ninguém.” “— Na barra de sua saia ele nunca vai ficar homem.” Carlinhos ficava quatro mês, cinco mês num emprego e saía, não parava em emprego nenhum. Quando ficou só três dias numa firma meu genro não deixou mais ele entrar em casa. Criei desde pequenino, não ia sentir? Paguei um quarto pra ele dormir, que ficou muito caro. Fui num bar lá perto e pedi que a dona desse de comer pro Carlinhos e no fim do mês eu ia pagar. Isso durou seis mês, ele ficou zanzando pela rua depois mais três anos, e só voltou pra cá quando meu genro morreu.

Por que não gostam dele? Ele também não é filho de Deus? Carlinhos agora é que está botando a cabeça no lugar. Está desempregado e eu pererecando pra achar um emprego pra ele. Carlinhos está fazendo o supletivo; bate a máquina muito bem. Não quer aceitar emprego por menos de três milhões. Diz: “— Então vou

chiques das redondeza da Granja Julieta até lá perto do Mercado Grande, vinham buscar minha comida. Quando era onze horas tinha o almoço pronto, mas era almoço, não era comidinha não. Fazia torta, empada, arroz de forno, leitão assada, penil. Queimar panela pra fazer um feijão eu não ia não. Quería fazer comida mesmo, mas para família que gostasse de comer bem. Hoje ninguém não quer mais comer, precisa guardar dinheiro. Antigamente fazia suflê, e rocamboie disso e daquilo, enfim saía muita coisa!

No tempo da guerra é que tudo ficou difícil! Levantava de madrugada, ia pra fila comprar pão. O açúcar tava racionado. Pra comprar óleo precisava ter o cartão e como eu necessitava de bastante ia com a criança pra fila. Começou aí a subir o aluguel das casas, tudo era racionado.

Lembro do balão de Santos Dumont e do Zeppelin, avoando baixinho, bonito, comprido e prateado. As pessoas das janelinhas davam adeuzinho pra gente e a gente aqui da rua dava adeuzinho pra elas.

Os dois meninos que eu criei foram o Dito e Totoca, vieram lá da fazenda de Dona Olvívia, de Ribeirão Preto, e ela prometeu de me ajudar com alguma coisa todo mês. Mas nunca ajudou nada. Depois eu soube que todo mês ela mandava caixote de frangos pro bispo na Cúria e mandava caixote de ovos, sacos de arroz, saco de feijão. Pra mim, nada! Ela era riquíssima, podre de rica, da família Prado. Fui pra fazenda dela pra fazer a festa de cinco anos de seu casamento. Quando vim embora trouxe essas duas crianças que eu peguei doentes lá pra tratar, o pai fugiu da fazenda e largou as crianças na minha mão. Dona Olvívia falou:

— Você já tem um peso, quer carregar um contrapeso? Deixa aí, que eu ponho num asilo.

— Mas no asilo maltratam. O que minhas filhas comerem, eles também comem.

— Então eu vou te ajudar! Todo mês eu mando alguma coisa. Nunca mandou nada. Quando ficava sem cozinheira, mandava buscar marmita aqui. Outro dia ela veio aqui em casa e perguntou:

— Você ainda não comprou casa, Risoleta?

— Não senhora, quando o dono me ofereceu, eram três milhões, faz dez anos atrás e eu não tinha dinheiro.

— Mas você esqueceu de mim?

— Eu não esqueci da senhora, do que a senhora me prometeu.

Ela ficou quieta, olhando pra minha cara, e disse:

— Você não esquece de nada!

— Não esqueço de nada, dona, de nada.

Um dia ia indo com uma cesta de roupa na cabeça tão grande que não podia nem virar! Vi uma moça chorando encostada num poste. Disse:

— Dona, que aconteceu pra senhora?

— Tou trabalhando numa casa, já tenho um menino mais velho e não tem quem tome conta da minha filha pra mim trabalhar, não sei como é que vou fazer.

— Tou trabalhando na minha casa mas trabalho muito; a senhora leva de dia eu tomo conta, mas de noite a senhora vem buscar, viu?

Isso ela fez quinze dias. Depois sumiu que eu não sabia mais a mulher onde é que andava. Quando ela apareceu a menina tava com doze anos. Quando ela chegou na porta de casa, a menina arranjou uma bicicleta na vizinha e sumiu nesse Santo Amaro e não apareceu mais naquele dia. Disse pra ela: “— Você pode levar sua filha porque você não me deu de papel passado, mas nós tratamos pra você pagar quarenta contos por mês e dar o leite pra menina. E você nunca deu um tostão. Você vai fazer a conta agora de quanto você tá me devendo até agora que ela tá com doze anos, depois venha buscar. Mas eu não quero receber miudeza, quero o dinheiro todo de uma vez.

A mulher sumiu, nunca mais apareceu. Veio aqui no dia do casamento da Joana. Festejei como o da Teodora e o da Florência, foi um casamento, dançaram com alto-falante. Tive barulho nesta casa, naquele dia! Os vizinhos vieram todos, debaixo de um toldo aqui servi coxinha, casadinho de camarão. No baile não ficava sentada: “— Mãe, a senhora esqueceu que tem suas filhas moças! A senhora dança mais que a gente.” “— Mas não é, minha filha, vocês têm perna-de-pau e não sabem dançar.”

Essa luta que tive pra criar meus filhos! Ainda peguei cinco filhos dos outros pra criar, que não tinham mãe, não tinham pai, tudo filho de mãe solteira, de meses. Quando o Carlinhos veio, Renato já tinha cinco anos. A Joana já tinha doze anos. O Carlinhos foi o último que criei. Quando eu dava pensão, minha patroa tinha cozinheira com filho e ela disse: “— Vou arranjar uma pessoa boa pra tomar conta de seu filho, ela trata muito bem mas é pobre e você precisa pagar.” A cozinheira ganhava doze contos por mês, muito

rebaixar minha caderneta em vez de subir?" O médico disse que é a inteligência que está estragando ele, inteligência demais.

Agora meu retardado tá desempregado; trabalhou, coitadinho, num depósito de caminhão. Faz tempo, o Renato sumiu. Tinha sido preso por engano num pega-pega na pastelaria. Quando recebi um bilhete da prisão, fazia um mês que eu procurava ele. Dizia: "Mamãe, há um mês que estou na prisão." Me amoleceu as pernas, tive um espasmo no olho: "— Meu Deus, não criei meu filho pra isso!" e fiquei cega. Renato vai completar trinta anos dia doze de abril; dorme sempre no meu quarto, aí nessa caminha.

Só morei em casa alugada, com essas lutas que tive, nunca ganhei para comprar uma casa. Quando fiquei cega de todo, minha filha passou a casa pro nome dela. Eu tinha uma vontade de ter minha casa, de ser dona da minha casa. Senti nos primeiros dias, depois me conformei, entreguei pra Deus e aceitei. E por isso que nunca fui infeliz, tudo o que me rodeia fica feliz. Não enxergo e sou feliz, não vejo o fingimento no rosto dos outros.

Minha filha deu meu guarda-roupa, disse que estava cheio de traste velho, de barata. Respondi: "— A casa é sua, não dando eu, pode dar o que quiser." Não sei onde foi parar minha medalha de valsa, que ganhei em Campinas. Sumiu. Não adianta nem chorar, nem procurar porque não acha mais.

Ajudei a criar meus netos. Outro dia um disse pra mãe: "— Mamãe, você está muito atrasada. Você sabe que a vovó está duzentos anos na sua frente?" Ouço o noticiário de rádio todo dia. Preciso conversar de política e governo. Os astronautas, falava para os netos, não tinham o que fazer lá em cima. Estava faltando tanta coisa por fazer aqui embaixo. E o que foram fazer lá? Nadal Nunca pude acompanhar as notícias quando trabalhava em casa de família. Hoje, vejo que a situação do Brasil está cada vez pior. Dizia: "— Vocês vão brincando, brincando. O dia que nosso Brasil cair na mão do militar vai ser duro pra sair." Olha aí! Todo mundo não tá vendo? Tá na mão de militar e ele não quer largar o osso não. Quando o dólar sobe eu chamo a atenção do meu genro.

Gostava do Juscelino, como pessoa era bom, nunca perseguiu ninguém e teve coragem de construir Brasília. Do Jânio, nunca gostei dele, torci pro Lott na eleição, o Jânio não era do lado dos pobres. Quando o Jango Goulart estava guiando ele e quis fazer alguma coisa pelos pobres, não quiseram matar os dois? Os dois não tiveram que renunciar e sair fugido? Aqui não pode ninguém ser a favor dos pobres, dona. Porque se vai cuidar da pobreza tem que morrer.

Recebo 500 cruzeiros do INPS, uma senhora que foi minha pensionista arranhou aposentadoria pra mim. Se minhas filhas não fossem formadas, não ganhassem, eu não agüentava. A Teodora me dá um dinheirinho todo mês e ajuda a Florência a pagar a casa. Hoje, só posso contar com minhas duas filhas. As crias chegam perto de mim só pra pedir, não têm nada pra dar. O pouquinho que o Renato ganha não dá nem pra ele. Ontem perdeu todos os documentos. Quantas vezes ele tem perdido!

Preciso guardar para certas horas. Aqui é a casa da misericórdia. Tem o Renato, o Carinhos, o Diomar, esses barbudos amigos do meu neto que se encontram aqui. Quando meu neto vai pra escola eles ficam aqui esperando. Não acho esse ajuntamento bom. Os vizinhos vão pensar que a gente é vagabundo, é vadio, não trabalha. Já falei que qualquer dia chamo o camburão pra prender todo mundo. Diomar ficou bravo comigo, diz que sou quadrada, coroa, tá tocando meus amigos. Juventude de hoje, precisa ter muita paciência pra agüentar essas crias de agora. Não param em emprego nenhum:

— Que há, coroa?

— Com quem vocês estão falando? Com a irmã de vocês?

— É assim mesmo vó, precisa entrar na nossa.

Não é só carinho, a gente às vezes precisa ficar brava para doutrinar uma pessoa.

Tem um tal Seu Barbosa que veio dar um recado de Ribeirão Preto, ficou aqui. Ele é um penetra, encostou na gente porque estava procurando um encosto. E essa freira que quis viver fora do convento, no bairro; se instalou num estrado com colchão e fica aí quietinha, sempre rindo. Diz que é parenta da mãe do meu genro em Indaiatuba. A mãe dele não sei se é prima ou irmã do pai ou da mãe dela. Veio visitar e ficou. De vez em quando me conserta umas pecinhas de roupa porque eu não enxergo. E vai tentando assim. Estava acostumada no convento e freira não faz nada, cada uma tem uma tarefainha só. Então, vem tudo parar aqui em casa e fica. O que eu posso fazer? Tudo come, tudo bebe, tudo toma banho e quem paga a conta no fim do mês é a Florência. Ela me diz:

— Mamãe, a casa está cheia: é o Seu Barbosa, a Irmã, os amigos do Diomar, a filha da japonesa, tudo vem encostar aqui. E a senhora tolera tudo. Quando a Irmã chegou aqui e pediu pra pousar, por que falou "Pode dormir, sua caminha tá lá, pode deitar"? Por que não ficou quieta?

— Tinha que falar alguma coisa, minha filha. Ela pediu pra dormir.

Vai fazer quatro anos que ela está aqui, agora em abril.

Meus irmãos, meus amigos, todos, todos já morreram, não tem mais ninguém. Tenho uma prima doceira, a Delu, que vem me visitar sempre. Não sei se é a melhor doceira de São Paulo mas é boa doceira, trabalha dia e noite.

Tenho amizades boas, pra alegria e pra tristeza. Tem gente que só tem pra alegria. E não é só preto não. Sábado fomos num casamento "despede-se na igreja", pra ir e voltar. Já me pediram receita de torta de milho, do pudim de mandioca, já pegaram o lápis pra tomar nota. Às vezes eu me lembro tanta coisa, vem tanta coisa boa na minha cabeça! Então vou falando. Dona Cecília quando vem aqui toma nota num caderninho quando é alguma coisa que cura gente. Faço experiência comigo mesmo e depois ensino pra outra pessoa. Fui muito feliz na minha juventude e muito querida, sou querida até hoje. Quando vou visitar uma menina que a Quetita criou ela diz: "— Gosto quando Dona Risoleta vem aqui porque vem a avó. Daqui a pouco vem a bisavó, daqui a pouco vem a filha da avó, daqui a pouco vem a filha da filha da avó. E vem velho, moço, parece romaria. Nunca vi pessoa querida assim."

Eu tenho muita vontade de servir alguém, de ser útil pra alguém. Não faço outra coisa, agora que estou cega, atendendo pedidos de oração. Com a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo tenho alcançado tanta bênção que ninguém imagina. Moça está encalhada por aí, num instantinho arranja casamento e casa. Meu santo é casamenteiro. Conheci uma moça meio boba, muito infantil demais; que rapaz vai casar com uma moça assim? Repetia e repetia de ano. Rezei muito com pena do desgosto dos pais. Pois ela não casou muito bem?! Acabou o primário, fez o ginásio, formou de professora, depois fez Pedagogia. Trabalha no Estado, está ganhando nove milhões por mês!

Agora estou devendo uma graça que alcancei de Santo Antônio de Catigeró lá na Vila Formosa e não sei ir lá, não enxergo. Tenho que pagar uma promessa que fiz para uma moça que namorava um rapaz e aconteceu do rapaz abusar dela. Depois desmanchou com ele e brigou, e ele deu nela. E ela ficou noiva de outro. Meu Deus, diziam, como é que essa moça vai casar com outro? O noivo depois vai largar dela. Então fiz promessa pra Santo Antônio de Catigeró que se ela casasse e o noivo soubesse reconhecer o acontecido e não devolvesse a moça pros pais, eu dava cem cruzeiros para o pão dos pobres. Alancei esta graça! O moço casou, não percebeu nada até hoje.

Uma vez a irmã de dona Amélia Matos fugiu e ela veio em casa chorando e dizia: — Ela embarcou pra Minas!

Na mesma hora me deu aquela sonreira e disse:
— Não embarcou! Ela está sentada num banco de jardim e atrás dela tem um cachorro, não sei se é de verdade, ou se é de pedra, no meio da folhagem.

— Pra que lado?

— A senhora vai pro lado da Avenida Paulista e encontra a Divina lá.

A mulher saiu na mesma hora. Daqui a pouco vinha vindo com a irmã pela mão. A menina estava sentada no banco, chorando e o cachorro de pedra atrás dela. Foi lá no Parque Paulista, em frente do Trianon. Isso foi há muitos anos, em 1940. Todo mundo ficou impressionado.

Com unção de azeite curei o dedinho dobrado de um menino que tinha operação marcada. Digo: "— Não agradeça a mim, mas a Deus e ao Divino Espírito Santo que faz a graça para quem merece." Quando meus olhos está fervendo e parece que está caindo uma chuva de prata, caindo umas estrelas do céu, aí nessa hora é que eu faço meus pedidos e a pessoa alcança a graça. A pessoa alcança a graça, donal! O menino que me trouxeram e era cego começou a enxergar.

Entrego todo o meu sofrimento nos pés de Deus. Se alguém visse o que me rodeia aqui dentro do quartol De longe parece que vem uma luz, um farol bonito, coisa maravilhosal! No tempo que meu neto era pequeno e dormia comigo ele percebeu: "— Vó, estou vendo em cima do seu guarda-roupa uma luz, parece uma estrela que aluminaia todo quarto. A senhora está vendo?"

Por isso é que tenho meu espírito alegre, iluminado. De noite acordo deitada na cama, meu quarto está claro, claro que parece um dia. Eu agradeço a Deus por esse grande prazer, por essa grande luz que Ele me dá.

Minha vida foi uma luta sem tréguas. Já estava enxergando muito pouco quando vim parar aqui em Santo Amaro. Tinha quarrenta e sete anos. Quando minha filha recebeu o diploma, a catarata começou a nascer nos meus olhos. Veio por causa do muito calor do forno, desde pequena lidei com fogão de lenha, de carvão. Precisei parar. Se eu enxergasse queria ir até os cem anos, não tinha importância não. Eu não me sinto velha, me sinto mocinha!

São Benedito estava comigo na cozinha. Quando eu sai, ele também não quis ficar. O que todo mundo fazia, quemava, os pratos caíam. Diziam: "— São Benedito não quer ficar na cozinha, porque ela saiu." Ele está na sala agora.